

## Introdução e tradução de três poemas em Prosa de Baudelaire

Ana Cristina Tavares  
(Professora e Investigadora na  
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

Charles Baudelaire, poeta, ensaísta, jornalista e tradutor do século XIX, conhecido sobretudo pela obra poética *Les Fleurs du Mal*, com estes *Petits Poèmes en Prose*, publicados em revistas várias em meados do século, surge-nos com uma original utilização da prosa. Por vezes o autor tratou a mesma temática em verso e em prosa, comprazendo-se nesse tipo de experiências. De salientar, no entanto, que a redacção em verso é quase sempre anterior à versão em prosa e a passagem de uma forma à outra opera-se sob o efeito da inspiração. Na passagem da versão em verso para a versão em prosa, com meios diferentes, o autor realiza uma nova criação a partir do mesmo tema.

Com efeito, Baudelaire, na esteira de Aloysius Bertrand com os seus poemas em prosa *Gaspard de la Nuit*, procura aplicar à descrição da vida moderna o processo que Bertrand utilizara para a pintura da vida antiga. Para Baudelaire a poesia pode exprimir-se através da prosa sem qualquer artifício ou marca exterior. Segundo ele, tanto o poema como a obra de arte em geral não se definem pela sua forma específica, o efeito produzido é que constitui o essencial. O autor sempre procurou que o poema em prosa sugerisse e suscitasse o sonho e o devaneio no leitor.

Com textos curtos e de extrema concisão temos algumas das temáticas e motivos caros ao autor: a concepção da arte e do artista, a essência do Belo, a mulher como ser ambivalente, o tempo, o amor e a morte, a solidão, a viagem e a evasão, o olhar, a janela e o espelho e sempre a presença obsidiante de ambiguidades, oposições e contradições. Em seguida apresentamos três pequenos poemas em prosa na língua original e respectiva proposta de tradução que constituem uma breve amostra das temáticas e estilo do autor.

I  
L'ÉTRANGER

– Qui aimes-tu le mieux, homme énigmatique, dis ? Ton père, ta mère, ta sœur ou ton frère ?

– Je n'ai ni père, ni mère, ni sœur, ni frère.

– Tes amis ?

– Vous vous servez là d'une parole dont le sens m'est resté jusqu'à ce jour inconnu.

– Ta patrie ?

– J'ignore sous quelle latitude elle est située.

– La beauté ?

– Je l'aimerais volontiers, déesse et immortelle.

– L'or ?

– Je le hais comme vous haïssez Dieu.

– Eh ! qu'aimes-tu donc, extraordinaire étranger ?

– J'aime les nuages ... les nuages qui passent ... là-bas... les merveilleux nuages !

I  
O ESTRANGEIRO

- Diz, homem enigmático, de quem gostas mais ? Do teu pai, da tua mãe, da tua irmã ou do teu irmão?
- Não tenho pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.
- Dos amigos?
- Utiliza uma palavra cujo sentido desconheço até agora.
- Da pátria?
- Ignoro em que latitude se situa.
- Da beleza?
- Amá-la-ia de bom grado, deusa e imortal.
- Do ouro?
- Odeio-o como odeia Deus.
- Ah! De que gostas tu então, estrangeiro extraordinário?
- Gosto das nuvens ... das nuvens que passam ...lá longe ...das maravilhosas nuvens!

XL  
LE MIROIR

Un homme épouvantable entre et se regarde dans la glace.

" – Pourquoi vous regardez-vous au miroir, puisque vous ne pouvez vous y voir qu'avec déplaisir ? "

L'homme épouvantable me répond : " – Monsieur, d'après les immortels principes de 89, tous les hommes sont égaux en droits ; donc je possède le droit de me mirer ; avec plaisir ou déplaisir, cela ne regarde que ma conscience. "

Au nom du bon sens, j'avais sans doute raison ; mais, au point de vue de la loi, il n'avait pas tort.

XL  
O ESPELHO

Um homem medonho entra e olha-se ao espelho.

"— Por que razão se olha ao espelho, uma vez que só se poderá aí ver com desagrado?"

O homem medonho responde-me: "— Caro senhor, segundo os imortais princípios de 89, todos os homens são iguais perante a lei; portanto tenho o direito de me mirar; com agrado ou desagrado, isso só á minha consciência poderá apreciar."

Em nome do bom senso, eu tinha sem dúvida razão; mas, de acordo com a lei, ele não deixava de estar certo.

XLI  
LE PORT

Un port est un séjour charmant pour une âme fatiguée des luttes de la vie. L'ampleur du ciel, l'architecture mobile des nuages, les colorations changeantes de la mer, le scintillement des phares, sont un prisme merveilleusement propre à amuser les yeux sans jamais les lasser. Les formes élancées des navires, au gréement compliqué, auxquels la houle imprime des oscillations harmonieuses, servent à entretenir dans l'âme le goût du rythme et de la beauté. Et puis, surtout, il y a une sorte de plaisir mystérieux et aristocratique pour celui qui n'a plus ni curiosité ni ambition, à contempler, couché dans le belvédère ou accoudé sur le môle, tous ces mouvements de ceux qui partent et de ceux qui reviennent, de ceux qui ont encore la force de vouloir, le désir de voyager ou de s'enrichir.

XLI  
O PORTO

Um porto é uma estância encantadora para um espírito cansado das lutas da vida. A vastidão do céu, a arquitectura móvel das nuvens, as tonalidades variáveis do mar, a cintilação dos faróis, são um prisma admiravelmente adequado para entreter os olhos sem nunca os aborrecer. As formas esguias dos navios, de enxárcia complicada, aos quais a ondulação transmite oscilações harmoniosas, servem para manter no espírito o gosto pelo ritmo e pela beleza. E aliás, existe sobretudo uma espécie de prazer misterioso e aristocrático para quem já não tem curiosidade ou ambição, ao contemplar, inclinado no miradouro ou debruçado junto ao molhe, todos os movimentos dos que partem e dos que regressam, dos que ainda têm a força de querer, o desejo de viajar ou de enriquecer.